

Vulnerabilidades sociais e da saúde e os fatores de risco relacionados às infecções sexualmente transmissíveis entre adolescentes

Social and health vulnerabilities and risk factors related to sexually transmitted infections among adolescents

Vulnerabilidades sociales y de salud y factores de riesgo relacionados con las infecciones de transmisión sexual en adolescentes

Recebido: 01/11/2022 | Revisado: 01/12/2022 | Aceito: 02/01/2023 | Publicado: 02/01/2023

João Felipe Tinto Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3662-6673>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: felipetinto99@gmail.com

Ana Emília Araújo de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7813-4442>

Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

E-mail: anaemiliaoliveira@hotmail.com

Natália Rodrigues da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3498-9158>

Christus Faculdade do Piauí, Brasil

E-mail: eunataliarodrigues5@gmail.com

Maria Emanuele do Rego Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1488-8656>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: emanuelersantos@gmail.com

Maday Cronemberger Miranda

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3494-8874>

Faculdade Santo Agostinho, Brasil

E-mail: madaycronemberger@hotmail.com

Benedito Medeiros da Silva Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0224-2866>

Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Paraná, Brasil

E-mail: beneterceiro@hotmail.com

Natalee da Silva Medeiros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7762-2957>

Prefeitura de São José dos Pinhais, Brasil

E-mail: tali.ramos@hotmail.com

Darilly Tavares Leitão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7154-2008>

Faculdade de Ciências de Timbaúba, Brasil

E-mail: tavaresdarilly@gmail.com

Alexandro do Vale Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5641-0581>

Faculdade Luciano Feijão, Brasil

E-mail: alexbioenf@hotmail.com

Ana Claudia Koproski

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5856-0703>

Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, Brasil

E-mail: anakoproski@gmail.com

Roseane Oliveira Veras

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2746-1475>

Faculdade Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: roseaneoliveira2@outlook.com

Robson Feliciano da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4387-2469>

Centro Universitário FACOL, Brasil

E-mail: robsonf.silva@unifacol.edu.br

Lucyanna Cavalcante de Moura

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7163-0339>

Prefeitura Municipal de São João do Piauí, Brasil

E-mail: lucyanna2@hotmail.com

Resumo

O presente estudo objetiva realizar uma análise das vulnerabilidades sociais e da saúde e os fatores de risco relacionados às ISTs entre adolescentes. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada através da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e da PUBMED da National Library of Medicine, entre setembro e outubro de 2022, utilizando os descritores (DeCS/MeSH): Vulnerabilidade em Saúde, Health Vulnerability, Adolescente, Adolescent, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Sexually Transmitted Diseases, Determinantes sociais da saúde e Social Determinants of Health. Foram incluídas publicações nos idiomas português, inglês e espanhol, disponíveis na íntegra, publicados entre 2018 e 2022, objetivando encontrar referências pertinentes e atualizadas, sendo excluídos capítulos de livros, resumos, textos incompletos, relatos técnicos e outras formas de publicação que não artigos científicos. Foram identificados 655 estudos e, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e análise dos estudos, apenas 12 artigos compuseram análise final. Os estudos evidenciam que vulnerabilidade compreende dimensões individuais, sociais e programáticas. Ao avaliar comportamentos, atitudes e práticas dos jovens frente às IST buscam-se conhecer as variáveis que interferem nesse processo e como os indivíduos agregam essas informações na sua vida. Há a necessidade de ampliar e fortalecer as ações de prevenção as IST entre os adolescentes dentro das escolas, como proposto pelo Programa Saúde na Escola, envolvendo alunos, docentes, família e comunidade em geral.

Palavras-chave: Vulnerabilidade em saúde; Adolescente; Infecções sexualmente transmissíveis; Determinantes sociais da saúde.

Abstract

The present study aims to carry out an analysis of social and health vulnerabilities and risk factors related to STIs among adolescents. This is an integrative literature review carried out through the Virtual Health Library (VHL) and PUBMED of the National Library of Medicine, between September and October 2022, using the descriptors (DeCS/MeSH): Vulnerability in Health, Health Vulnerability, Adolescent, Adolescent, Sexually Transmitted Infections, Sexually Transmitted Diseases, Social Determinants of Health and Social Determinants of Health. Publications in Portuguese, English and Spanish were included, available in full, published between 2018 and 2022, aiming to

find relevant and updated references, book chapters, abstracts, incomplete texts, technical reports and other forms of publication other than scientific articles are excluded. A total of 655 studies were identified and, after applying the inclusion and exclusion criteria and analyzing the studies, only 12 articles made up the final analysis. Studies show that vulnerability comprises individual, social and programmatic dimensions. When evaluating young people's behaviors, attitudes and practices in the face of STIs, we seek to know the variables that interfere in this process and how individuals add this information in their lives. There is a need to expand and strengthen STI prevention actions among adolescents within schools, as proposed by the School Health Program, involving students, teachers, family and the community in general.

Keywords: Health Vulnerability; Adolescent; Sexually transmitted diseases; Social determinants of health.

Resumen

El presente estudio tiene como objetivo realizar un análisis de las vulnerabilidades sociales y de salud y los factores de riesgo relacionados con las ITS entre los adolescentes. Se trata de una revisión integrativa de la literatura realizada a través de la Biblioteca Virtual en Salud (BVS) y PUBMED de la Biblioteca Nacional de Medicina, entre septiembre y octubre de 2022, utilizando los descriptores (DeCS/MeSH): Vulnerabilidad en Salud, Vulnerabilidad en Salud, Adolescente, Adolescente, Infecciones de Transmisión Sexual, Enfermedades de Transmisión Sexual, Determinantes Sociales de la Salud y Determinantes Sociales de la Salud. Se incluyeron publicaciones en portugués, inglés y español, disponibles en su totalidad, publicadas entre 2018 y 2022, con el objetivo de encontrar referencias relevantes y actualizadas, se excluyen capítulos de libros, resúmenes, textos incompletos, informes técnicos y otras formas de publicación distintas de los artículos científicos. Se identificaron un total de 655 estudios y, después de aplicar los criterios de inclusión y exclusión y analizar los estudios, solo 12 artículos conformaron el análisis final. Los estudios muestran que la vulnerabilidad comprende dimensiones individuales, sociales y programáticas. Al evaluar los comportamientos, actitudes y prácticas de los jóvenes frente a las ITS, buscamos conocer las variables que interfieren en ese proceso y cómo los individuos agregan esta información en sus vidas. Existe la necesidad de ampliar y fortalecer las acciones de prevención de ITS entre los

adolescentes dentro de las escuelas, como lo propone el Programa de Salud Escolar, involucrando a estudiantes, docentes, familia y comunidad en general.

Palabras claves: Vulnerabilidad de la salud; Adolescente; Infecciones de transmisión sexual; Los determinantes sociales de la salud.

Introdução

A adolescência pode ser entendida como uma fase complexa e dinâmica na vida do ser humano. Caracteriza-se por um período em que ocorrem várias mudanças, repercutindo no desenvolvimento mental, emocional e físico, bem como na atuação pessoal na sociedade (SILVA et al., 2021).

O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) circunscreve a adolescência na faixa etária de 12 a 18 anos (BRASIL, 1990). Enquanto, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é a fase da vida que ocorre, dos 10 aos 19 anos de idade, constituindo etapa ímpar do desenvolvimento humano (WHO, 2021).

Durante essa fase, os adolescentes experimentam novas sensações e sentimentos que influenciam no desenvolvimento de suas personalidades, tendo dificuldades na formação de suas decisões e na inserção de grupos sociais. Diante disso, em razão da inexperiência de vida e pouco conhecimento sobre educação sexual, estão mais propensos a contraírem Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) (ALMEIDA et al., 2021; LIMA et al., 2022).

A crença equivocada dos adolescentes de que são seres inatingíveis, indestrutíveis, com a antecipação da atividade sexual, associada à falta de informação, torna esta fase da vida um período de intensa vulnerabilidade (PEREIRA et al., 2021), resultando na adoção de comportamentos de riscos à saúde, ou seja, estilos de vida que podem afetar negativamente os níveis de saúde como, por exemplo, a ocorrência de uma das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Desse modo, acredita-se que a educação pode ser uma estratégia para minimizar a falta de informação e a ocorrência destas infecções (CORTEZ; SILVA, 2017).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), as ISTs estão entre as causas mais comuns de doenças no mundo e pode ser considerado um problema de saúde pública com várias consequências de natureza sanitária, social e econômica devido à dificuldade de

diagnóstico e tratamento precoce, tendo como prognósticos graves sequelas, como infertilidade, perda fetal, gravidez ectópica e morte prematura, bem como infecções em recém-nascidos e lactentes (ALVES, AGUIAR, 2020; SILVA, 2022).

Para compreender o comportamento sexual, fatores de risco, exposições e o contexto das vulnerabilidades adolescentes é necessário tratar o tema de forma multidimensional e contextualizada, considerando sistemas ecológicos nos quais diferentes fatores relativos à sociedade, à comunidade e às relações individuais interagem entre si (COSTA et al., 2022).

A concepção de vulnerabilidade denota a multideterminação de sua gênese não estritamente condicionada à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas atrelada também às fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos. As vulnerabilidades condicionam o processo saúde-doença na especificidade do indivíduo e na abrangência do modo de vida coletivo, podendo ser agrupada em categorias ou camadas, o que facilita a seleção de intervenções adequadas e a formulação de políticas de saúde (CARMO; GUIZARDI, 2018; DAHLGREN; WHITEHEAD, 2017).

Neste contexto, a “vulnerabilidade” e o “ser vulnerável” arraiga concepções de uma maior suscetibilidade do indivíduo em relação aos danos e aos agravos à saúde. As vulnerabilidades associadas aos determinantes sociais de saúde podem pôr em risco a saúde dos adolescentes. Assim, alguns dados, como nível de escolaridade, cor/etnia, condições socioeconômicas, estrutura familiar, grupos sociais e questões de gênero, podem influenciar significativamente o início precoce da vida sexual em adolescentes, tornando-os suscetíveis às ISTs (COSTA et al., 2019).

Destaca-se ainda o pouco contato dos profissionais da saúde com adolescentes, tornando-se fator contribuinte para a prevalência de IST (SANTOS et al., 2019). Neste direcionamento, enfatizam a importância de protagonizar os adolescentes na elaboração de métodos para discussões acerca das ISTs, principalmente através da educação em saúde, a qual tem um papel crucial para a prevenção de infecções, considerando o potencial para estabelecer vínculos e o diálogo com esse público (FERREIRA et al., 2021; NEVES et al., 2022). Afinal, na adolescência a maioria das pessoas vivenciam suas primeiras experiências sexuais. Com isso, este trabalho objetiva realizar uma análise das

vulnerabilidades sociais e da saúde e os fatores de risco relacionados às ISTs entre adolescentes.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, por intermédio de uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL). O estudo descritivo determinar a distribuição de doenças ou condições relacionadas à saúde, segundo o tempo, o lugar e/ou as características dos indivíduos (MERCHÁN-HAMANN; TAUIL, 2021). A RIL emerge como uma metodologia que proporciona a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática, constituindo basicamente como um instrumento da Prática Baseada em Evidências (PBE) (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

O estudo seguiu seis etapas para o seu desenvolvimento: 1) elaboração da pergunta norteadora; 2) busca ou amostragem na literatura; 3) coleta de dados; 4) análise seletiva e crítica dos estudos incluídos; 5) discussão dos resultados; e 6) apresentação da revisão integrativa, conforme. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010; ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014).

Para a elaboração desse estudo, foi utilizado a estratégia PICO. Essa estratégia representa um acrônimo onde P= paciente, I= Intervenção ou interesse, Co= contexto. Dentro da PBE esses quatro componentes são os elementos fundamentais da questão de pesquisa e da construção da pergunta para a busca bibliográfica de evidências. A estratégia PICO pode ser utilizada para construir questões de pesquisa de naturezas diversas, oriundas da clínica, do gerenciamento de recursos humanos e materiais, da busca de instrumentos para avaliação de sintomas entre outras. (APÓSTOLO, 2017), para elaboração da seguinte questão norteadora (P= Adolescentes; I= Vulnerabilidade sociais e da saúde e os fatores de risco; Co= Infecções Sexualmente Transmissíveis), a saber: Quais são vulnerabilidade sociais e da saúde e os fatores de risco relacionados às ISTs entre adolescentes?

As buscas foram realizadas durante setembro e outubro de 2022 através da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), coordenada pela BIREME e composta de bases de dados bibliográficas produzidas pela Rede BVS, como LILACS, BDEF, SCOPUS,

além da base de dados Medline e outros tipos de fontes de informação; e através da PUBMED da National Library of Medicine.

Os critérios de inclusão dos artigos foram: publicações nos idiomas português, inglês e espanhol, disponíveis na íntegra gratuitamente, publicados entre 2018 e 2022, objetivando encontrar referências pertinentes e atualizadas sobre a temática deste estudo, como descrito no estudo de Bezerra et al. (2022). Sendo excluídos capítulos de livros, resumos, textos incompletos, relatos técnicos e outras formas de publicação que não dissertações e artigos científicos completos.

Nos bancos de dados foram utilizados termos em inglês e português para identificação dos estudos a serem pesquisados. Os descritores foram obtidos a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e do *Medical Subject Headings (MESH)*, sendo: “Vulnerabilidade em Saúde”, “Health Vulnerability”, “Adolescente”, “Adolescent”, “Infecções Sexualmente Transmissíveis”, “Sexually Transmitted Diseases”, “Determinantes sociais da saúde” e “Social Determinants of Health”, conforme mostra a Quadro 1, a seguir.

Quadro 1. Elementos da estratégia PICO e descritores utilizados. Coroatá – MA, 2022.

Elementos		Termos “MeSH”	Termos “DeCS”
P	Adolescentes	“Adolescent”	“Adolescente”
I	Determinantes sociais e de vulnerabilidade à saúde e os fatores de risco	“Health Vulnerability” “Social Determinants of Health”	“Vulnerabilidade em Saúde” “Determinantes sociais da saúde”
Co	Infecções Sexualmente Transmissíveis	“Sexually Transmitted Diseases”	“Infecções Sexualmente Transmissíveis”

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Os termos utilizados durante a pesquisa foram classificados e combinados nos bancos de dados. Assim, resultaram em estratégias específicas de cada base, conforme descrito na Quadro 2, a seguir.

Quadro 2. Estratégias de busca utilizadas nas bases de dados Bireme e PubMed. Coroatá – MA, 2022.

Bases de Dados	Estratégia de Busca	Resultados	Filtrados	Analisados	Selecionados
Bireme/BVS (Descritores DeCS)	(Vulnerabilidade em Saúde) AND (Adolescente) AND (Infecções Sexualmente Transmissíveis)	131	20	13	09
PubMed (Descritores MeSH)	((Adolescent) AND (Social Determinants of Health)) AND (Sexually Transmitted Diseases)	524	140	17	03
Total	-	655	160	30	13

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

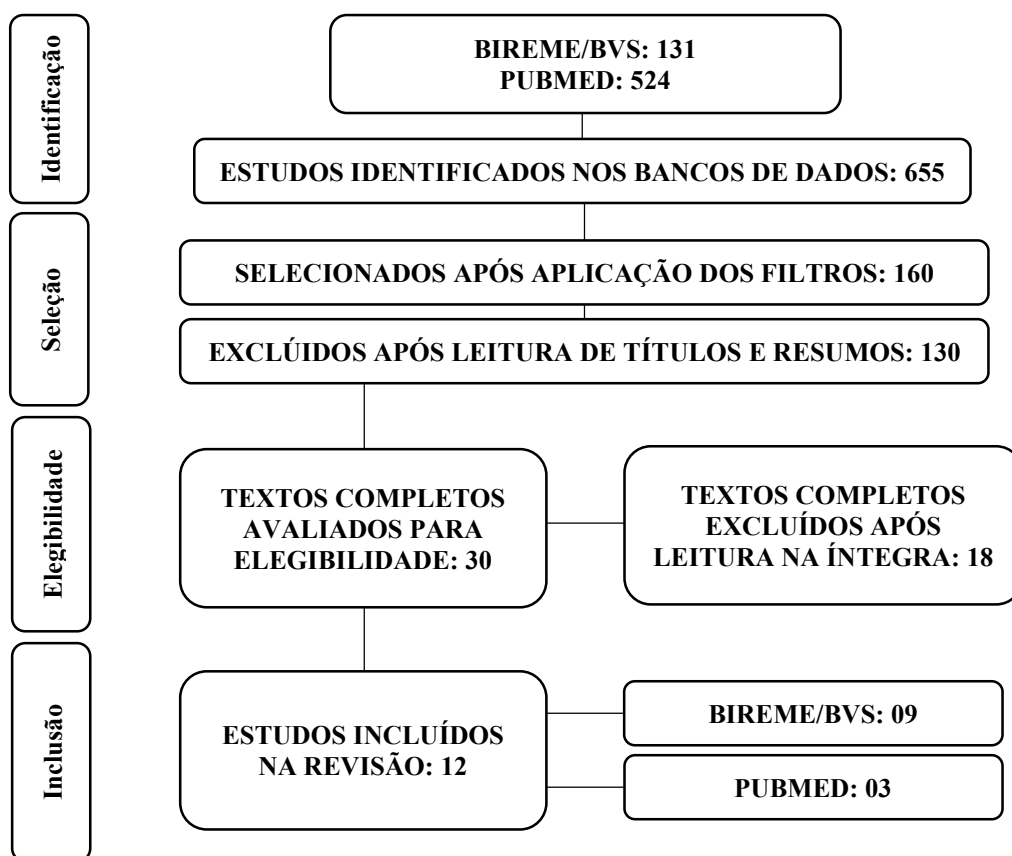
Com os estudos elencados, avaliou-se o nível de evidência com o *Agency for Healthcare Research and Quality (AHRQ)*, que compõe os seguintes níveis: 1) Metanálise de múltiplos estudos controlados; 2) Estudos individuais com delineamento experimental; 3) Estudos com delineamento quase-experimental como estudos sem randomização com grupo único pré e pós-teste, séries temporais ou caso-controle; 4) Estudos com delineamento não-experimental como pesquisas descritivas correlacional e qualitativa ou estudos de caso; 5) Relatórios de casos ou dados obtido de forma sistemática, de qualidade verificável ou dados de avaliação de programas; e 6) Opinião de autoridades respeitadas baseadas em competências clínicas ou opiniões de comitês de especialistas (STETLER et al., 1998).

Os artigos selecionados foram exportados para o Software *Rayyan*®, uma ferramenta computacional gratuita, para análise pareada das referências encontradas e remoção de duplicadas. Para minimizar o risco de viés, a busca foi executada por pelos pesquisadores em diferentes computadores de forma independente. Evidenciando-se divergências, três pesquisadores realizavam a leitura dos artigos. Na interpretação dos resultados, seguiu-se a leitura comparativa entre os artigos, analisando-se suas semelhanças e procedendo-se ao agrupamento.

Foi utilizado o fluxograma *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA)*, possibilitando a análise desta revisão, auxiliando no desenvolvimento de revisões sistemáticas (GRAÇA et al., 2022; GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015).

Nas bases elencadas, foram identificados inicialmente 655 publicações, sendo 131 na BIREME e 524 na PUBMED. Após aplicação dos filtros, conforme critérios de inclusão e exclusão, obteve-se 160 artigos. Destes, 130 foram excluídos após leitura dos títulos e resumos, sendo selecionados 30 artigos para leitura na íntegra. Posteriormente, 18 foram excluídos por não se adequarem a este estudo e 12 artigos foram selecionados para amostra final por responderem o objetivo proposto. O fluxograma do processo de seleção dos artigos conforme o PRISMA encontra-se na Figura 1.

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção de estudos *segundo Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA)*. Coroaá – MA, 2022.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Resultados

Para possibilitar a síntese e análise dos dados, os estudos selecionados foram agrupados em um quadro, reunindo informações quanto: autor(es)/ano de publicação, objetivos, abordagem metodológica e principais achados, conforme o Quadro 3.

Quadro 3. Distribuição das publicações incluídas segundo autor(es)/ano de publicação, objetivos, abordagem metodológica e principais resultados. Coroatá – MA, 2022.

Base de dados	Autor(es)/Ano	Objetivo	Abordagem metodológica	Principais resultados
BIREME/ BVS	FRANCO et al., 2020	Relatar a experiência de estudantes do Curso de Enfermagem na implementação de intervenções educacionais para a promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar.	Estudo quantitativo	Enfatiza-se a necessidade de atividades no âmbito escolar a fim de promover o conhecimento e adoção hábitos e práticas saudáveis que impactem e assegurem aos estudantes riscos mínimos de injúrias à saúde sexual e reprodutiva.
BIREME/ BVS	SOUZA et al., 2020	Compreender a percepção acerca da vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS entre as adolescentes residentes em assentamento urbano de uma capital do Brasil Central	Estudo qualitativo	As adolescentes assentadas são marcadas pela subalternidade de gênero, que muitas vezes é negada e naturalizada pelos ideais de legitimação de desigualdade entre os sexos.
BIREME/ BVS	SPINDOLA et al., 2021	Abordar a vulnerabilidade de jovens universitários às infecções sexualmente transmissíveis e identificar e analisar o comportamento sexual dos universitários e as práticas de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis	Estudo qualitativo	Nos discursos analisados, percebeu-se que o tipo de relação afetiva é determinante para o uso (ou não) do preservativo. Os jovens acreditam na invulnerabilidade do grupo e por isso assumem comportamentos sexuais de risco.
BIREME/ BVS	PASSOS et al., 2021	Analisar a frequência do uso de preservativos segundo fatores de vulnerabilidade para infecções sexualmente transmissíveis em comunidades quilombolas de Sergipe, Brasil.	Estudo quantitativo	O estudo relata a falta de acesso a insumos e informações de prevenção que compuseram a vulnerabilidade programática dos indivíduos. Houve maior proporção de uso inconsistente do preservativo com parceiro fixo em indivíduos que relataram falta de acesso à informação e uso

				inconsistente com parceiro eventual.
BIREME/ BVS	SPINDOLA et al., 2020	Identificar as práticas sexuais de jovens universitários em seus relacionamentos afetivos e analisar a percepção dos estudantes em relação à vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis	Estudo qualitativo	Os jovens vivenciam a sexualidade com liberdade no tocante à identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, estabelecendo uma pluralidade de relacionamentos e parceiros.
BIREME/ BVS	BRUM; MOTTA; ZANATTA, 2019	Conhecer os elementos que constituem o Modelo biotecnológico e as situações de vulnerabilidades no campo da prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS na perspectiva de adolescentes.	Estudo qualitativo	Destaca-se a importância de empoderar a família para a educação sexual dos filhos como uma forma de reduzir as vulnerabilidades dos adolescentes perante a infecções sexualmente transmissíveis/HIV/aids.
BIREME/ BVS	COSTA et al., 2019	Verificar a associação entre os determinantes sociais da saúde e a vulnerabilidade de adolescentes às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).	Estudo quantitativo	O determinante social intermediário “tipo de moradia” influencia a vulnerabilidade às ISTs.
BIREME/ BVS	SILVA; GUISANDE; CARDOSO, 2018	compreender as vivências de jovens em conflito com a lei em um Centro de Atendimento Socioeducativo de Pernambuco acerca de vulnerabilidades para IST/HIV/Aids	Estudo qualitativo	Faz-se necessário que outros olhares recaiam sobre os jovens de instituições socioeducativas, inserindo ações de cunho educativo na rotina do ambiente, auxiliando-os na compreensão de fatores que intensificam a vulnerabilidade.
BIREME/ BVS	PATRÍCIO et al., 2020	Analisar condições clínicas e comportamentos de risco à saúde de pessoas em situação de rua	Estudo quantitativo	Pessoas em situação de rua apresentam condições e comportamentos que potencializam o adoecimento.
PUBMED	COMINS et al., 2020	Analisar se meninas adolescentes e mulheres jovens com idades entre 15 e 24 anos estão entre os maiores riscos de HIV e outras ISTs na África Subsaariana.	Estudo quantitativo	Um ponto forte deste estudo é que ele permite uma conceituação mais holística de vulnerabilidade, incluindo fatores estruturais e sociais a montante que podem

				conduzir ao risco de HIV e outras ISTs.
PUBMED	FOLAYAN; SAM-AGUDU; HARRISON, 2022	Entender o porquê e como mitigar esses determinantes e barreiras para abordar a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes (SSR) e as necessidades de prevenção do HIV	Estudo qualitativo	Os fatores individuais que influenciam os comportamentos sexuais de risco dos adolescentes incluem a pressão dos pares, má percepção do risco para o HIV e equívocos sobre a eficácia dos contraceptivos e preservativos.
PUBMED	SHABANI; MOLEKI; THUPAYAGALE- TSHWENEAGAE, 2018	Investigar os determinantes individuais associados à utilização do SRHCS para prevenção do HIV e AIDS por adolescentes do sexo masculino.	Estudo qualitativo	O estudo recomenda o desenvolvimento de uma estratégia que aprimore e promova a utilização dos serviços de saúde sexual e reprodutiva para adolescentes do sexo masculino.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

No tocante a abordagem metodológica dos artigos selecionados para análise, as pesquisas qualitativas e quantitativas obtiveram porcentagem (%) similar, representando 50% cada. Quanto ao ano de publicação, 05 estudos (41,7%) foram publicados no ano de 2020, seguido do ano de 2018, 2019 e 2021 com 2 artigos (16,6%) cada e 2022 com 1 artigo (8,4%), como mostra o quadro anterior.

Discussão

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é compreendida no período que concede dos 10 aos 19 anos de idade. É nesse período que a sexualidade se apresenta mais perspicaz e comumente consoma-se por práticas sexuais desprevenidas, predispondo a riscos para diversas gamas de ISTs, tal como a gestações não planejadas. Destaca-se, dessa maneira, que os adolescentes são expostos a múltiplas condições de vulnerabilidade, apresentando-se, dentre elas: condições socioeconômicas, práticas sexuais precoce, não utilização de preservativos, baixo nível de escolaridade, diferenças de gênero e dificuldades de comunicação e de acesso aos serviços de saúde na Atenção Básica (Ab) (FRANCO *et al.*, 2020; SOUZA *et al.*, 2020). Ressalta-se que, a prevenção das ISTs está diretamente associada com a prática sexual segura e a superação dos contextos de vulnerabilidade (SPINDOLA *et al.*, 2021).

No contexto brasileiro, percebe-se que a vulnerabilidade às IST é prevalente entre adolescentes, todavia a percepção de risco é significativamente baixa entre este grupo. Nessa condição, é evidente a vulnerabilidade da população adolescente às infecções em função da gama de fatores, decorrentes do comportamento sexual de risco. As informações denotam os riscos das práticas sexuais inseguras, traduzidas pelo prazer em vivenciar a sensação de perigo e por perceberem-se como invulneráveis. Desse modo, a procura pela afirmação grupal ocasiona comportamentos sexuais de descobertas arriscadas, além da falta de conhecimentos, que enfraquece a tomada de decisão em relação à saúde sexual e os tornem mais vulnerável às ISTs (PASSOS *et al.*, 2021).

Tendo em vista que a vulnerabilidade abrange dimensões individuais, sociais e programáticas, ao analisar comportamentos, atitudes e práticas dos jovens frente às IST procura-se identificar as variáveis que interferem nesse processo e como os indivíduos incorporam essas informações na sua vida (SPINDOLA *et al.*, 2020).

É destacado que as vulnerabilidades é subdividida em três dimensões: Vulnerabilidade social (sexo, raça/cor da pele, nível de escolaridade, classe econômica, renda familiar e situação de trabalho atual); Vulnerabilidade individual (idade, uso de álcool e drogas, parceiro usuário de drogas, histórico de ISTs, tipo de relações sexuais mantidas como – vaginal, anal e oral, número de parceiros sexuais e idade da primeira relação sexual) e Vulnerabilidade programática (acesso a alguma informação sobre prevenção de ISTs, recebimento de insumos - preservativos e gel lubrificante, local onde realiza controle de saúde, tratamento após apresentar ISTs, serviço de saúde onde realizou o tratamento, presença de programas sociais governamentais de prevenção de IST que incluam pessoas do local e racismo institucional) (PASSOS *et al.*, 2021).

É apontado ainda que o sentimento de vergonha, considerado fator inserido nos cenários de vida dos adolescentes, está relacionado às vulnerabilidades individuais que os permeiam. Pois esse sentimento, está presente no contexto familiar, na escola e nos dentro dos serviços de saúde quando comunicação sobre as ISTs entre o profissional e o indivíduo. Além disso, associado a vergonha, há condições relacionados à carência de recursos financeiros e a falta de conhecimento sobre as ações dos serviços de saúde que fortalecem as vulnerabilidades programáticas e sociais (BRUM; MOTTA; ZANATTA, 2019)

Os autores destacam ainda que as questões que incluem o sentimento de vergonha associada ao medo e insegurança de se expor aos outros, a falta de informação sobre IST/HIV/AIDS, moralidade e tabus estabelecidos pela cultura limitam os adolescentes na prevenção das ISTs, pois implica na procura dos serviços de saúde, bem como pessoas do seu convívio social, que possam sanar dúvidas, fornecer preservativos e obter vantagem de outros bens e serviços prestados pelas unidades de saúde. Diante do sentimento de vergonha, enfatiza-se a importância de oportunizar um ambiente individualizado nos campos de saúde aos adolescentes, principalmente àqueles já em condições de vulnerabilidades (BRUM; MOTTA; ZANATTA, 2019)

Dentre as situações que corroboram para o risco elevado às ISTs, encontra-se o início precoce da vida sexual como destaque, visto que se designa de forma diversa e individualizada (COSTA *et al.*, 2019; SILVA; GUISANDE; CARDOSO, 2018; SPINDOLA *et al.*, 2020). A precocidade da atividade sexual acompanha o parâmetro do adolescente contemporâneo, com início precoce, mostrando que um momento muito significativo na vida de uma pessoa tem de acompanhar de entendimento sobre o assunto para o desenvolvimento da sexualidade segura e consciente, caso contrário, concede o estabelecimento de padrões de comportamento de risco, implicando a saúde futura, como busca de identidade, curiosidade, vivência de novas experiências, sentimentos de prazer e onipotência que pode ocasionar a ocorrência de sexo desprotegido, constituída como vulnerabilidades individuais (COSTA *et al.*, 2019; SILVA; GUISANDE; CARDOSO, 2018)

Evidencia-se que as situações de risco e as vulnerabilidades são, também, bastante acentuadas em decorrência do consumo de álcool, cigarro, drogas ilícitas, eventos de embriaguez e brigas, especialmente antes dos relacionamentos sexuais (COSTA *et al.*, 2019). Tais condutas vulnerabiliza os adolescentes ao passo que intervém em direção à percepção de risco para a saúde sexual, colaborando para estabelecimento de relações sexuais desprotegidas, e conseqüentemente, aquisição de ISTs. Spindola *et al.* (2021) descreve em seu estudo que entre adolescentes o problema com o uso de álcool é prevalente e real. Relata ainda que, jovens do sexo masculino e indivíduos que vivem em área de baixa vulnerabilidade social são mais favoráveis a consumir álcool, quando comparados aos que vivem em áreas carentes. Em relação ao sexo feminino, a propensão ao álcool também existe, apesar de ser menor. O estudo aponta ainda que adolescentes do

sexo feminino manifestam mais preocupação com os cuidados com a saúde, em comparação aos indivíduos do sexo masculino. Assim, percebe-se que o uso de álcool e/ou drogas associados ao uso inconsistente do preservativo, eleva as chances para ocorrência de ISTs.

Os referidos autores relatam ainda que há uma maior tendência da não adesão do preservativo pelos adolescentes masculinos, devido relatos de incomodo ou aperto do preservativo à genitália durante a relação sexual, alergia ao látex, dificuldade na manutenção da ereção e diminui o prazer. Diante dessa análise, entende-se que tais dificuldades no uso do preservativo estimula a prática do sexo inseguro, o que torna propício a aquisição de ISTs. Ademais, o preservativo feminino não é utilizado também, em virtude da falta de conhecimento do manuseio e da dificuldade de acesso, e, por isso, optam pelo preservativo masculino, sendo acessível ao público em geral (SPINDOLA *et al.*, 2021).

Na fase da adolescência, as vulnerabilidades revelam-se maior, dado que o adolecer é uma etapa do ciclo vital sinalizada pela imaturidade biopsicossocial, espiritual e cultural, em que é constante os comportamentos de risco, e comumente, subestimados. Em relação as mulheres em geral, em decorrência das questões biológicas, como longa exposição da mucosa vaginal ao sêmen, cavidade genital sensível a traumas e a maior concentração do HIV no líquido seminal, adicionado as situações sociais de relação desigual de poder entre os gêneros, são notadamente vulneráveis às ISTs (SOUZA *et al.*, 2020).

Outra vulnerabilidade é descrita no estudo de Spindola *et al.* (2020), que diz respeito a manutenção de múltiplas parcerias sexuais, apontada como uma prática assídua entre adolescentes. Essa particularidade, quando associada ao uso descontinuado (ou não uso) de preservativos ocasiona a vulnerabilidade dos adolescentes aos agravos de saúde, como as IST. A falta de condutas de prevenção para ISTs, integrada ao início da vida sexual precoce e a necessidade de afirmação grupal tornando-os vulneráveis às infecções transmitidas pelo sexo desprotegido. Patrício *et al.* (2020) também citam em seu estudo, realizado com pessoas em situação de rua, como situação de vulnerabilidade social, que a bebida alcoólica aumenta a tendência de comportamentos de risco à saúde como o uso de drogas e tabagismo, sendo mencionado como um dos responsáveis pela prática sexual insegura, favorecendo as vulnerabilidades à infecção.

Em um estudo realizado em Gambella, na Etiópica, foi descrito que existem padrões distintos de vulnerabilidade, compreendendo fatores sociais e estruturais de ordem superior conhecidos por facilitar a aquisição e transmissão de ISTs, destacando a importância de reconhecer fatores sociais e estruturais adicionais, acima e além do risco sexual, no desenvolvimento de programas e intervenções de prevenção às ISTs entre grupos adolescentes (COMINS *et al.*, 2020). Para isso, faz-se necessário a análise das vulnerabilidades, como escolaridade, emprego, migração e apoio social, que associadas podem prevalecer a ocorrência das infecções.

Pesquisa realizada na Nigéria, Folayan, Sam-Agudu e Harrison (2022), descrevem que a prevalência de ISTs é prevalente entre adolescentes, principalmente entre adolescentes do sexo masculino. Pois, em algumas partes da Nigéria e de outros países africanos, os jovens do sexo masculino são iniciados na vida adulta através do sexo com trabalhadoras do sexo. Assim, as trabalhadoras do sexo e seus parceiros sexuais têm alto risco de contrair DSTs, inclusive HIV. Sendo descrito ainda que há acesso limitado ao tratamento de ISTs devido informação enganosa sobre como tratar lesões genitais e corrimento anormal. Além disso, a má atitude dos profissionais de saúde em relação aos adolescentes que procuram os serviços de SSR e IST leva-os a automedicar-se ou a procurar tratamento fora do hospital.

Em relação a moradia, tida como vulnerabilidade social, como relatado no estudo de Costa *et al.* (2019), embora os adolescentes residem na casa dos pais ou parentes, estes são mais vulneráveis do que os que moram em casa alugada, quando inseridos em moradia de um bairro considerado extremamente pobre pelo fator “Renda” do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), enquadrando-se em uma condição de vulnerabilidade às ISTs. Pois, verifica-se que adolescentes que residem com seis ou mais pessoas têm duas vezes mais chances de serem vulneráveis, principalmente quando associada a renda desfavorável, havendo uma relação entre baixa renda e vulnerabilidade do indivíduo.

Quanto a escolaridade, esta situação torna-se crucial para determinação de vulnerabilidade entre adolescentes (COSTA *et al.*, 2019). Dado que, quanto menor a escolaridade, maior o risco de aquisição por ISTs, sobretudo, entre os adolescentes menores de 12 anos e que iniciam a vida sexual precocemente. Tais fatos decorrem pela iniciação sexual e pelo desconhecimento sobre métodos de prevenção das ISTs. Dessa forma, reconhece-se, a falta de discussões sobre saúde sexual e reprodutivas no contexto

escolar junto aos adolescentes, apontando para uma melhor visão na programação dos temas que merecem ser discutidos pelos profissionais educadores, visto que os riscos e vulnerabilidades existentes na adolescência deixam os jovens à beira de problemas e dificuldades evitáveis pela educação em saúde (FRANCO *et al.*, 2020; PAIVA; PEDROSA; GALVÃO, 2019; SILVA; GUISANDE; CARDOSO, 2018).

Nesse tocante, a escola apresenta-se como locus privilegiado para o desenvolvimento dos adolescentes, com possibilidades para o cuidar de si e manifestar seus problemas e interesses, pois este ambiente é um espaço propício para ações que podem acrescentar às demandas dos próprios indivíduos, facilitando as discussões educativas e intervenções para prevenção de ISTs (FRANCO *et al.*, 2020; COSTA *et al.*, 2019).

Em relação ao acesso a bens e serviços de saúde, os autores Brum Motta e Zanatta (2019) relatam que a Atenção Primária à Saúde (APS) é encarregada de assegurar o acesso ao sistema de saúde. O adolescente pode estar em situação de vulnerabilidade ao adentrar no serviço de saúde, todavia, a maneira como o indivíduo será atendido influenciará no tipo de relacionamento que será estabelecido com a equipe. Desse modo, nas instituições de saúde, as atividades de saúde sexual e reprodutiva desenvolvidas por enfermeiros e demais profissionais de saúde podem ajudar os adolescentes a refletir sobre sua condição de vulnerabilidade e a considerar novas perspectivas sobre a desigualdade de gênero, com o intuito de se estabelecer autonomia sexual e atitudes saudáveis, como saúde sexual e prevenção de acerca das ISTs (PASSOS *et al.*, 2021; SHABANI; MOLEKI; THUPAYAGALE-TSHWENEAGAE, 2018; SOUZA *et al.*, 2020; SPINDOLA *et al.*, 2020).

Em suma, as abordagens acerca da sexualidade e da prevenção de agravos para a saúde sexual dos adolescentes necessitam ser disseminadas pelos pais ou responsáveis, apesar que em decorrência de tabus e regras sociais nem sempre acontecem de forma satisfatória. Em meio isso, os pais têm um uma função indispensável no desenvolvimento da sexualidade dos filhos, pois o diálogo a respeito do assunto é uma atribuição que deve ser reconhecida por eles e não deve ser limitada à prevenção de doenças e gravidez (SPINDOLA *et al.*, 2020).

Neste contexto, na proporção das vulnerabilidades às ISTs entre a população adolescente, torna-se imprescindível, de modo contínuo, que este grupo seja inserido

dentro das ações de saúde para prevenção de ISTs, acrescentando a instituição e os profissionais de saúde, os pais ou responsáveis e a inclusão da educação em saúde no âmbito escolar, intencionando a promoção e prevenção de doenças e agravos à saúde dos adolescentes, principalmente relacionados às ISTs. Assim, o cuidado de si é propício e oportuno entre esta população.

Considerações Finais

O estudo realizado aponta e relaciona algumas das vulnerabilidades presentes e que permeiam a vida do adolescente, como as vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas. Destacando que as características referentes as vulnerabilidades sociais correspondem com o desconhecimento de acesso às informações. Enquanto que, as vulnerabilidades programáticas determinadas pela consequência de ações do estudo, através de políticas efetiva ou da quantidade de acesso aos serviços e ações de saúde, mais acessibilidade aos insumos, leva ao acolhimento deste grupo por consequência à vulnerabilidade individual, estabelecida pela falta de informação e não implementação de políticas resolutivas em meio a utilização de preservativos.

O estudo relata ainda que os adolescentes permanecem num processo de vulnerabilidade individual por empregar medidas de prevenção às IST's de maneira inadequada, como o uso de preservativos, ligada à falta de informação sobre a sexualidade e, situações atreladas a estas como alterações no corpo, práticas sexuais seguras e relação de poder de desigualdade de gênero entre os sexos, prejudicando uma conversação para a utilização do preservativo por parte das mulheres, tornando-as mais vulneráveis às infecções.

Enfatiza-se ainda que a vulnerabilidade individual torna-se agravante em decorrência da ineficiência das instituições escolares e de saúde, especialmente nos serviços públicos, os quais integram a dimensão da vulnerabilidade social, ainda que haja políticas intersetoriais que garantem instituir ações para a saúde de adolescentes escolares no ensino público, abrangendo temas como saúde sexual e reprodutiva.

Diante do exposto, conclui-se que há necessidade de ampliar e fortalecer as ações de prevenção as IST entre os adolescentes dentro das escolas, como proposto pelo Programa Saúde na Escola (PSE), envolvendo alunos, docentes, família e comunidade

em geral. Fortalecer as ações educativas em saúde construindo estratégias que tenham um alcance aos adolescentes, a fim de reduzir e/ou romper com as infecções neste grupo.

Referências

ALMEIDA, A. M. S. et al. Prevenção da gravidez na adolescência na atenção primária á saúde: uma revisão integrativa. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e26720, 2021.

ALVES, L. S.; AGUIAR, R. S. Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis: uma revisão integrativa. **Revista Nursing**, v. 23, n. 263, p. 3683, 3687, 2020.

APÓSTOLO, J. L. A. Síntese da evidência no contexto da translação da ciência. Coimbra, Portugal: **Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENfC)**, 135 p., 2017.

BEZERRA, A. D. C. et al. Estratégias de atenção à saúde a mulheres em privação de liberdade: revisão integrativa. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. e13127888, 2022.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

BRUM, M. L. B.; MOTTA, M. G. C.; ZANATA, E. A. Sistemas e elementos bioecológicos que tornam os adolescentes vulneráveis a infecções sexualmente transmissíveis. **Texto contexto - enferm.**, v. 28, e20170492, 2019.

CARMO, M. E; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, e00101417, 2018.

COMINS, C. A. et al. Vulnerability profiles and prevalence of HIV and other sexually transmitted infections among adolescent girls and young women in Ethiopia: A latent class analysis. **PLoS One**. v. 15, n, 5, e0232598, 2020.

CORTEZ, E. A.; SILVA, L. M. Pesquisa-ação: promovendo educação em saúde com adolescentes sobre infecção sexualmente transmissível. **Rev enferm UFPE on line.**, v. 11, Supl. 9, p. 3642-3649, 2017.

COSTA, M. I. F. et al. Determinantes sociais de saúde e vulnerabilidades às infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes. **Rev. Brás. Enferm.**, v. 72, n. 6, p. 1595-1601, 2019.

COSTA, M. S. F. et al. Social determinants of health and vulnerabilities to sexually transmitted infections in adolescents. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 2019, v. 72, n. 6, p. 1595-1601, 2019.

COSTA, S. F. et al. Vulnerabilidades sociais e iniciação sexual entre 10 e 14 anos em estudantes do município do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 7, p. 2763-2776, 2022.

DAHLGREN, G.; WHITEHEAD, M. **Policies and strategies to promote social equity in health. Background document to WHO - Strategy paper for Europe.** Arbetsrapport-Institutet för Framtidsstudier, v. 14, s/n, p. 1-69, 2007.

ERCOLE, F. F.; MELO, L. S.; ALCOFORADO, C. L. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Rev Min Enferm.**, v. 18, n. 1, p. 9-11, 2014.

FERREIRA, J. C. S. C. et al. Desconstruindo o fazer profissional de Agentes Comunitários de Saúde através da Educação Permanente. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e26737, 2021.

FOLAYAN, M. O.; SAM-AGUDU, N. A.; HARRISON, A. Exploring the why: risk factors for HIV and barriers to sexual and reproductive health service access among adolescents in Nigeria. **BMC Health Serv Res**, v. 22, n. 1, p. 1-11, 2022.

FRANCO, M. S. et al. Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. **Rev enferm UFPE on line**, v. 14, e244493, p. 1-8, 2020.

GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Metaanálises: A recomendação PRISMA. **Epidemiol Serv. Saúde**, v. 24, n. 2, p. 335-342, 2015.

GRAÇA, J. M. B. et al. Fatores associados a infecção pelo HIV em pessoas privadas de liberdade. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2022.

LIMA, G. S. et al. Conhecimento dos adolescentes com relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Rev Bras Interdiscip Saúde – ReBIS**, v. 4, n. 3, p. 12-9, 2022.

MERCHÁN-HAMANN, E.; TAUIL, P. L. Proposta de classificação dos diferentes tipos de estudos epidemiológicos descritivos. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. v. 30, n. 1, e2018126, 2021.

NEVES, N. C. et al. A importância da equipe multiprofissional na educação em saúde acerca de IST'S em adolescentes. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. e29046, 2022.

PAIVA, S. S.; PEDROSA, N. L.; GALVÃO, M. T. G. Análise espacial da AIDS e os determinantes sociais de saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 22, e190032, p. 1-12, 2019.

PASSOS, T. S. et al. Uso de preservativo e vulnerabilidades para infecções sexualmente transmissíveis em comunidades quilombolas: estudo descritivo, Sergipe, 2016-2017. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, n. 2, e2020617, 2021.

PATRÍCIO, A. C. F. A. et al. Condições de risco à saúde: pessoas em situação de rua. **Rev enferm UERJ**, v. 28, e44520, p. 1-8, 2020.

PEREIRA, K. V. S. et al. Percepção e conhecimento de adolescentes acerca do uso de álcool e outras drogas. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e25295, 2021.

SANTOS, J. V. O. et al. Análise prototípica das representações sociais sobre as sexualmente transmissíveis entre adolescentes. **Psicogente**, v. 22, n. 41, pág. 290-307, junho de 2019.

SHABANI, O.; MOLEKI, M. M.; THUPAYAGALE-TSHWENEAGAE, G. G. B. Individual determinants associated with utilisation of sexual and reproductive health care services for HIV and AIDS prevention by male adolescents. **Curationis**. v. 41, n. 1, e1-e6, 2018.

SILVA, F. P. et al. Dúvidas sobre infecções sexualmente transmissíveis de adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Rev enferm UFPE on line**, v. 15, n. 2, e247967, 2021.

SILVA, J. F. T. et al. **Percepção de usuários e profissionais acerca das infecções sexualmente transmissíveis e a realização do teste rápido**. In: Castro, Luis Henrique Almeida (org.). Saúde Coletiva: Uma construção teórico-prática permanente. 1. ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2022, p. 163-171.

SILVA, S. P. C.; GUISANDE, T. C. C. A.; CARDOSO, A. M. Adolescentes em conflito com a lei e a vulnerabilidade para ist/hiv/aids: conhecimentos e vivências. **Rev Enfer e Atenção à Saúde**, v. 7, n. 2, p. 95-108, 2018.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Integrative review: what is it? How to do it? **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-06, 2010.

SOUZA, S. O. et al. Iniquidades de gênero e vulnerabilidade às ist/hiv/aids em adolescentes de assentamento urbano: um estudo exploratório. **Cienc. Enferm.**, v. 26, n. 12, p. 1-10, 2020.

SPINDOLA, T. et al. A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 07, p. 2683-2692, 2021.

SPINDOLA, T. et al. Não vai acontecer: percepção de universitários sobre práticas sexuais e vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis. **Rev Enferm UERJ**, v. 28, e49912, p. 1-7, 2020.

STETLER, C. B. et al. Utilization focused integrative reviews in a nursing service. **Appl Nurse Res.**, s/v, n. 4, p. 195-206. 1998.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adolescent health**. Geneva: WHO, [2021]. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/adolescenthealth#tab=tab_1>. Acesso em: 13/08/2022.

Processo de revisão por pares

O presente Artigo foi revisado por meio da avaliação aberta. A rodada de avaliações contou com a revisão de Raimundo Borges da Mota Júnior, Elaine Neves e Mônica Patrícia de Franca Silva. O processo de revisão foi mediado por Priscilla Chantal Duarte Silva.